



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
Departamento de Geografia
Coordenação de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia**

JOSÉ EDUARDO RODRIGUES DA SILVA

**O USO DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO COMO
MÉTODO DE ANÁLISE DA GEOPOLÍTICA**

**Guarabira/PB,
2024**

JOSÉ EDUARDO RODRIGUES DA SILVA

**O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO COMO MÉTODO DE
ANÁLISE DA GEOPOLÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC - Artigo Científico) apresentado junto à coordenação do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, através da Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Licenciado em Geografia. Sob a orientação do Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto.

Linha de Pesquisa: Evolução do Pensamento Geográfico

**GUARABIRA/PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586u Silva, Jose Eduardo Rodrigues da.
O uso do materialismo histórico e dialético como método de análise da geopolítica [manuscrito] / Jose Eduardo Rodrigues da Silva. - 2024.
45 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto, Coordenação do Curso de Geografia - CH. "

1. Geopolítica. 2. Materialismo Histórico. 3. Imperialismo Capitalista. 4. Análise Crítica. I. Título

21. ed. CDD 320.12

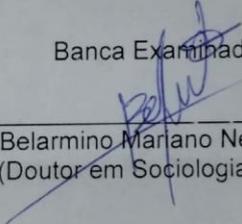
JOSÉ EDUARDO RODRIGUES DA SILVA

**O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO COMO MÉTODO DE
ANÁLISE DA GEOPOLÍTICA**

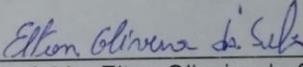
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC- Artigo Científico) apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, sob a orientação do Professor Dr. Belarmino Mariano Neto, na Universidade Estadual da Paraíba, através da Pró-Reitoria de Ensino, Médio, Técnico e Educação a Distância, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia.

Aprovado em: 14 106 12024.

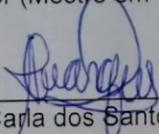
Banca Examinadora



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto UEPB/CH/DG
Orientador (Doutor em Sociologia pela UFPB/UFCG)



Prof. Ms. Elton Oliveira da Silva UEPB/CH/DG
Examinador (Mestre em Geografia pela UFPB)



Profa. Ms. Aná Carla dos Santos Marques... UEPB/CH/DG
Examinadora (Mestre em Geografia pela UFRN)

Dedico este trabalho primeiramente a minha amada companheira Lidiana Simplício, pelo incentivo desde o início dessa jornada, aos familiares a minha estimada avó Clarice Augusta, que sempre sonhou que um dia iria ver seu neto formado.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é muito importante e por isso quero agradecer a minha companheira Lidiana Simplício, por todo apoio dado a mim durante essa jornada, por ser a pessoa que mais me apoia e acredita na minha capacidade, meu agradecimento pelas horas em que ficou ao meu lado não me deixando desistir e me mostrando que sou capaz de chegar aonde desejo, e que sempre me incentivou a chegar até aqui.

Ao meu orientador o Dr. Belarmino Mariano Neto, por dedicar grande parte do seu tempo para me ajudar na elaboração deste trabalho, com sua grande contribuição. E aos membros da banca avaliadora professora Ana Carla e Prof. Elton Oliveira, pois aceitaram fazer essa leitura e apontar com criticidade os possíveis erros e acertos do trabalho.

A toda a minha família por toda a contribuição direta e indireta que me prestaram durante todo esse processo. Como um filho de trabalhadores, nunca foi fácil o direito de estudar, então tive que trabalhar e estudar em quase toda a minha vida, mas nada me impediu de desistir, pois nessas horas os familiares e amigos estavam presentes e incentivando.

A todos os professores do Curso de Geografia da UEPB, que contribuíram ao longo de toda essa caminhada, com aulas muito proveitosas que ajudaram para a realização deste trabalho. Muitos me ajudaram a perceber os avanços da Geografia em suas metodologias e nas análises críticas.

Gostaria de agradecer aos servidores da UEPB, desde os secretários de cursos até os simples prestadores de serviços, sempre cuidadosos e dedicados, mantendo a UEPB limpa e organizada, para que tivéssemos o máximo de conforto. Sem a classe trabalhadora, sem o trabalho coletivo, as coisas seriam muito mais difíceis e com eles, agradecer ao povo paraibano, pois com o trabalho e com o pagamento dos seus impostos foi possível estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, pois a educação liberta e engrandece uma sociedade e desigual como a nossa, precisa ser gratuita, para que filhos da classe trabalhadora como eu, possam ter acesso.

Agraço a todos os meus colegas das turmas que passei, que durante todos esses anos, fizeram parte da minha vida e ficarão guardados na minha memória, pelas brincadeiras, risadas e muito conhecimento que compartilhamos juntos durante toda essa jornada.

“A luta de classes é a força motriz da história humana, o combustível da mudança do mundo social”

Karl Marx.

GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

TÍTULO DA OBRA: O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO COMO MÉTODO DE ANÁLISE DA GEOPOLÍTICA

LINHA DE PESQUISA: EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO
AUTOR(A): JOSÉ EEDUARDO RODRIGUES DA SILVA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/CH/DG)
EXAMINADOR: Prof. Ms. Elton Oliveira da Silva (UEPB/CH/DG)
EXAMINADORA: Profa. Ms. Ana Carla dos Santos Marques (UEPB/CH/DG)

RESUMO

O materialismo histórico e dialético é um método crucial para analisar a geopolítica no contexto do imperialismo capitalista, revelando contradições e interesses por trás das relações de poder entre nações. Sua abordagem crítica permite uma compreensão profunda das dinâmicas geopolíticas contemporâneas, considerando aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. A interdisciplinaridade é essencial, integrando conhecimentos de história, economia, sociologia e geografia para uma análise abrangente. O método revela as contradições internas do sistema capitalista, destacando suas fragilidades no cenário internacional. Reconhecer suas potencialidades e limitações é fundamental para uma interpretação complexa das dinâmicas geopolíticas. Integrar a análise com uma perspectiva histórica e dialética enriquece o debate sobre as relações internacionais, porém, desafios como a complexidade dos fenômenos geopolíticos exigem uma abordagem multidisciplinar e atualização constante da metodologia. Superar esses desafios requer diálogo com outras correntes teóricas e revisão crítica dos pressupostos, promovendo um esforço conjunto da comunidade acadêmica para avançar na compreensão dos processos geopolíticos contemporâneos.

Palavras-chave: Geopolítica; Materialismo histórico; Imperialismo capitalista; Análise crítica.

GRADUATE IN GEOGRAPHY

**TITLE OF THE WORK: HISTORICAL AND DIALECTIC MATERIALISM AS A
METHOD OF ANALYSIS OF GEOPOLITICS**

LINE OF RESEARCH: Evolution of Geographical Thought

AUTOR(A): JOSÉ EEDUARDO RODRIGUES DA SILVA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (UEPB/CH/DG)

EXAMINADOR: Prof. Ms. Elton Oliveira da Silva UEPB/CH/DG

EXAMINADORA: Profa. Ms. Ana Carla dos Santos Marques... UEPB/CH/DG

ABSTRACT

Historical materialism and dialectics are crucial methods for analyzing geopolitics in the context of capitalist imperialism, revealing contradictions and interests behind power relations among nations. Its critical approach allows for a deep understanding of contemporary geopolitical dynamics, considering economic, social, political, and cultural aspects. Interdisciplinarity is essential, integrating knowledge from history, economics, sociology, and geography for comprehensive analysis. The method reveals internal contradictions of the capitalist system, highlighting its weaknesses in the international arena. Recognizing its potentialities and limitations is fundamental for a nuanced interpretation of geopolitical dynamics. Integrating analysis with a historical and dialectical perspective enriches the debate on international relations, yet challenges such as the complexity of geopolitical phenomena require a multidisciplinary approach and constant updating of methodology. Overcoming these challenges necessitates dialogue with other theoretical currents and critical review of assumptions, fostering a collective effort of the academic community to advance understanding of contemporary geopolitical processes

Keywords: Geopolitics; Historical materialism; Capitalist imperialism; Critical analysis.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Richard Peet e a Geografia Radical.....	19
Figura 2 e 3 – Karl Heinrich Marx – 1818 – 1883 e Friedrich Engels – 1820 – 1895.....	20
Figuras 4 e 5 – Pierre George e Yves Lacoste – Geógrafos marxistas franceses.....	22
Figuras 6 e 7 – Massimo Quaini e sua Obra Marxismo e Geografia.....	23
Figura 8 – Box de principais geógrafos marxistas do Século XX.....	27
Figuras 9 e 10 - David Harvey e Edward William Soja	30
Figuras 11 e 12 – Geógrafos brasileiros Ruy Moreira e Milton Santos	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Uma Geografia de Influência Marxista.....	26
Quadro 2 – Os pressupostos para uma Geografia e as ideias de luta de Classes.....	28
Quadro 3 – Obras de destaque de David Harvey	31
Quadro 4 – A Geografia e o Marxismo na perspectiva de Soja (1993)	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MHD	Materialismo Histórico e Dialético
CH	Centro de Humanidades
DG	Departamento de Geografia
PB	Paraíba
SP	São Paulo
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
UNESP	Universidade do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA.....	15
3. RELAÇÃO ENTRE MHD, GEOPOLÍTICA E IMPERIALISMO CAPITALISTA.....	18
4. O PENSAMENTO GEOGRAFICO ATRELADO AO MARXISMO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERENCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

A geografia é uma ciência que utiliza de diferentes metodologias para suas abordagens, pois na complexidade temática e nos campos de investigação, nos deparamos com questões ambientais e da Geografia Física, bem como, temas da Geografia Humana com abordagens humanísticas, sociais, políticas econômicas e culturais. Mas foi na perspectiva da Geografia Humana e Social que surgiu a necessidade de uso do Materialismo Histórico e Dialético (MHD), proposto inicialmente por Marx e Engels (1985), emergindo como uma abordagem fundamental para desvendar as complexidades da geografia política e geopolítica dentro do quadro do imperialismo capitalista.

Em diferentes momentos Karl Marx assim como seu parceiro Friedrich Engels (1985; 1987; 1998; 2001), propuseram a teoria do MHD, em especial nos estudos filosóficos, econômicos e políticos em obras como o Capital e nos Manuscritos Econômicos, podemos encontrar em seus argumentos teóricos estes fundamentos e princípios, que irão influenciar os geógrafos do século XX.

O objetivo geral com essa pesquisa foi fazer uma reflexão teórica acerca do Materialismo Histórico e Dialético enquanto uma metodologia que se aplica aos estudos geográficos, em especial no campo da Geografia Social e na perspectiva da Geopolítica em seus estudos sobre o imperialismo capitalista em uma perspectiva da Geografia Crítica.

Para esse fim, foram traçados alguns objetivos específicos como: a) estudar a evolução do pensamento geográfico a partir das escolas de pensamento e da geografia que foram influenciadas pelo pensamento de Marx; b) A identificação das obras e estudos de geógrafos críticos, autores que estão diretamente ligados ao pensamento crítico e ao MHD; c) a identificação de uma Geografia que bebeu nas fontes do marxismo para sua criticidade social e suas elaborações metodológicas pautadas pela realidade das contradições socioeconômicas, políticas e culturais do capitalismo.

A metodologia adotada consistiu em uma abordagem puramente teórica e bibliográfica e surgiu a partir das primeiras reflexões e conversas com Mariano Neto (2022), que aceitou o desafio em orientar temas e abordagens para esse estudo. Levantamos algumas ideias a cerca de uma Geografia de perfil mais comprometida com a realidade histórica e material e foi na disciplina de

Geografia Política e Geopolítica que nasceu o interesse em explorar essa temática, muito mais enquanto preocupações teóricas e metodológicas, revendo conceitos e teóricas de uma geografia que foi influenciada por diferentes escolas de pensamentos, inclusive pelos marxistas, anarquistas e outros.

A nossa intenção não foi fazer um estudo de aprofundamento teórico e nem metodológico, em especial pelas limitações de um artigo para a conclusão do curso de graduação em geografia, mas colocar luzes sobre um tema que é pouco explorado pelos estudantes de Geografia, ou que até certo ponto, aparecem nas obras de geógrafos brasileiros, sem que fique claro que existe uma abordagem materialista do estudo.

Nesse sentido, reunimos autores ingleses; norte-americanos, franceses, alemães, italianos e brasileiros que em diferentes obras, apontam certas preocupações e abordagens que são nitidamente atreladas aos pensamentos e filosofias propostas por Karl Marx em suas obras clássicas. Nesse sentido, foram traçados nossos objetivos e abordagens para nortear momentos importantes de uma Geografia, até certo ponto marxista.

Alguns aspectos de autores que viram em Marx uma perspectiva crítica, permitindo a exposição das contradições e conflitos inerentes ao sistema capitalista, revelando as intrincadas relações de poder entre as nações. Ao transcender os meros aspectos econômicos, o MHD considera também os fatores sociais, políticos e culturais, proporcionando uma compreensão mais abrangente das dinâmicas geopolíticas contemporâneas (Maia; Farias, 2020).

Na Geografia os estudos apontam que o MHD é crucial para desvendar as estratégias geopolíticas das potências capitalistas, permitindo a identificação dos interesses subjacentes às intervenções militares, acordos comerciais e disputas territoriais (Branquinho, 2019). Quando Geógrafos como Lacoste (1985) ou mesmo Raffestin (1993), em suas obras sobre geografia do subdesenvolvimento ou Geografia e Poder, expõem suas linhas de pensamento, vemos o nascedouro de uma geografia crítica fortemente atrelada ao MHD.

Outros aspectos para esse estudo foi considerar que a interdisciplinaridade é essencial na aplicação do materialismo histórico e dialético para analisar a geopolítica, integrando conhecimentos de várias disciplinas para uma compreensão mais completa dos fenômenos geopolíticos contemporâneos (Figueiredo, 2020).

Marx e Engels (1985), revelam as contradições internas do sistema capitalista e na geografia autores como Harvey (2001) ou até mesmo o filósofo Lefebvre (1961), expõem argumentos que fortalecem nossa busca em explorar ideias que moldam relações capitalistas e imperialistas na perspectiva geopolítica, proporcionando uma compreensão mais profunda das fragilidades e limitações do sistema no cenário internacional (Sousa; Costa, 2021).

Nas perspectivas de Barberio; Sugahara (2023), nosso estudo buscou analisar as possíveis posturas críticas dos geógrafos, ao empregar o materialismo histórico e dialético como método de análise da geopolítica no imperialismo capitalista, reconhecendo tanto suas potencialidades quanto suas limitações para uma interpretação contextualizada e profunda das relações de poder entre as nações.

2 MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA

O Materialismo Histórico e Dialético (MHD) se destaca como um método fundamental para a análise da Geografia no contexto do imperialismo capitalista devido à sua capacidade de revelar as contradições e conflitos inerentes a esse sistema. Por meio desse enfoque teórico, é possível compreender as dinâmicas de poder entre os países, evidenciando as estratégias de dominação e exploração adotadas pelas potências imperialistas. Dessa forma, o MHD permite uma leitura mais profunda das relações geopolíticas, destacando não apenas os interesses econômicos em jogo, mas também as contradições estruturais que permeiam o sistema capitalista (Silveira, 2019).

A aplicação do MHD possibilita uma análise mais abrangente das transformações territoriais decorrentes da expansão do capitalismo, incluindo a formação de blocos econômicos e alianças geopolíticas. Ao considerar as relações sociais e econômicas subjacentes aos processos de reconfiguração territorial, o MHD oferece pontos de vistas valiosos sobre as motivações por trás das disputas por recursos naturais e mercados entre as potências capitalistas. Da mesma forma, esse enfoque teórico é essencial para interpretar as

intervenções militares e políticas nos países periféricos, revelando as lógicas de dominação presentes nas relações internacionais (Andrade, 2022).

Ao analisar a geopolítica mundial sob a perspectiva do MHD, torna-se possível realizar uma leitura crítica das narrativas hegemônicas que sustentam o status quo internacional de algumas potências. Esse método permite identificar as contradições entre os discursos oficiais dos Estados e suas práticas efetivas no cenário global, evidenciando as discrepâncias entre os interesses declarados publicamente e suas verdadeiras intenções geopolíticas. Assim, o MHD se mostra essencial para desvendar as complexidades das relações internacionais contemporâneas (Silva, 2016).

Este examen crítico del hegelianismo coincide, en sus lineamientos generales y en sus conclusiones, con el que Marx (en colaboración con Engels) formula entre 1843 y 1859, y que lo conduce al materialismo dialéctico. Una larga búsqueda científica y política, condujo a Marx y Engels de la jurisprudencia a la economía, del liberalismo al socialismo del idealismo hegeliano a un materialismo desarrollado (Lefebvre, 1999, p.39).

Para Lefebvre (1999), Marx e Engels ao construírem uma crítica formal ao idealismo de Hegel, depois de uma longa e aprofundada pesquisa, conseguiu formular o que viria a ser o Materialismo Dialético enquanto teoria e métodos capazes de dar o suporte de análises tanto para a filosofia crítica, quanto para as demais ciências sociais e econômicas.

A aplicação do MHD na análise de casos concretos de conflitos geopolíticos contemporâneos demonstra sua eficácia em desvendar os interesses econômicos por trás das disputas territoriais. Ao examinar detalhadamente os contextos específicos em que ocorrem esses conflitos, é possível identificar as dinâmicas de poder em jogo e os impactos do imperialismo capitalista sobre as populações locais. Nesse sentido, o uso desse método proporciona uma compreensão mais profunda dos mecanismos de exploração presentes nas relações internacionais (Silveira, 2019).

Ao considerar as possibilidades de avanço teórico proporcionadas pelo uso do MHD na análise da geopolítica no imperialismo capitalista, abre-se espaço para novas perspectivas de pesquisa e interpretação dos fenômenos globais. Através da aplicação rigorosa desse método analítico, é possível desenvolver abordagens inovadoras para compreender os desafios

contemporâneos da ordem internacional, contribuindo para uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder dominantes no sistema mundial.

Mariano Neto (2022), argumenta que “o método dialético de Marx é fundamental para entendermos sua obra *O Capital*, sem a compreensão da dialética proposta por Marx”. Nesse sentido o autor considera que obras como o *Capital* foram construídas com base nas contradições do *Capital* e Marx só as percebeu na medida em que as analisava pautado pelos fatos e pela realidade objetiva.

Estudar o método dialético de Marx é fundamental para compreender Marx e o nosso tempo. O final do século XIX é um período de grandes linhagens de pensamentos em diferentes áreas de conhecimento e nosso mundo *fast food* nos impede de compreender as profundezas e os sentidos dos processos de pensamento do século XIX e início do século XX. Em outras palavras, é muito arriscado acharmos que seja possível banalizar o termo dialética, tentando resumir ou simplificar o pensamento de Marx em plataformas digitais (Mariano Neto, 2022, p.1).

Assim, o MHD se apresenta como uma ferramenta fundamental para investigar a complexidade das relações geopolíticas sob o domínio do capitalismo imperialista (Lima, 2017), se revelando como um método essencial para a análise da geopolítica dentro do cenário do imperialismo capitalista, proporcionando uma compreensão mais profunda das relações de poder e dominação entre os países. Ao adotar essa abordagem teórica, torna-se possível identificar as contradições inerentes ao sistema capitalista, as quais se refletem nas relações geopolíticas, evidenciando as injustiças e desigualdades presentes nesse contexto (Júnior, 2005; Harvey, 2005).

A influência do MHD na interpretação dos conflitos internacionais é notável, uma vez que essa perspectiva teórica permite analisar a relação entre interesses econômicos e estratégias políticas no cenário global. Por meio desse método, compreende-se como os conflitos entre Estados são moldados por questões econômicas e sociais, revelando as motivações subjacentes das disputas geopolíticas (Osório, De David, 2023).

Ao aplicar o MHD na análise das alianças e rivalidades entre Estados, demonstra-se como essas relações são influenciadas por questões econômicas e sociais. A partir dessa perspectiva, fica evidente como as alianças políticas são moldadas por interesses de classe e pela busca por vantagens econômicas, revelando as complexidades das relações geopolíticas (Pedrosa, 2020).

A contribuição desse método para a compreensão das dinâmicas de expansão territorial e controle de recursos naturais por parte das potências imperialistas é significativa. Identificam-se os mecanismos de exploração e dominação presentes nesse processo, revelando como as potências capitalistas buscam expandir seu domínio em detrimento de outros países (Barberio, Sugahara, 2023).

Além disso, o MHD é fundamental para identificar as contradições internas dos Estados capitalistas, compreendendo suas políticas externas e suas relações com outros países. Sob essa ótica, é possível entender como os interesses de classe influenciam as decisões políticas dos Estados no cenário internacional (Sousa; Costa, 2021).

Como afirma Figueiredo (2020), em síntese, o MHD oferece uma ferramenta crítica para analisar as estratégias de dominação imperialista no contexto contemporâneo, apontando caminhos para a resistência e transformação dessas estruturas de poder.

Essa abordagem se mostra fundamental para uma leitura crítica da geopolítica no contexto do imperialismo capitalista, contribuindo para repensar as relações internacionais sob uma perspectiva mais justa e igualitária. Ao final do estudo vimos que existe uma significativa gama de pesquisadores que se utilizam do MHD, contribuindo para a renovação do pensamento geográfico em diferentes escalas tempo-espaciais.

3 RELAÇÃO ENTRE MHD, GEOPOLÍTICA E IMPERIALISMO CAPITALISTA

A relação entre o MHD e a análise da geopolítica no contexto do imperialismo capitalista é fundamental para compreender as dinâmicas de poder e dominação presentes nas relações internacionais. Por meio dessa abordagem teórica, existem meios de pesquisa que se refletem nas disputas territoriais, comerciais e políticas entre as potências mundiais. O materialismo histórico e dialético permite uma análise profunda das relações de poder no cenário global, revelando como os interesses econômicos e políticos das nações influenciam diretamente a configuração do sistema internacional (Andrade, 2022).

Para Mariano Neto (2022), podemos começar pensando que a Geografia Radical teve uma base muito próxima do que viria a ser considerada uma geografia marxista, a partir de Richard Peet e suas críticas sociais a prolongada Guerra do Vietnã, que alimentava os conflitos internacionais, enquanto em nível de Estado propunham uma Geografia descolada da realidade e presa ao quantitativíssimo (Figura 1):

Figura 1 – Richard Peet e a Geografia Radical



A Geografia Radical que emergiu nos EUA em meio aos conflitos sociais e a Guerra do Vietnã juntamente com os conflitos e contradições do capitalismo.

Os críticos alegavam que a Nova Geografia (Quantitativa) e seu neopositivismo cientificista se colocava a serviço da ideologia capitalista. Seu fraco embasamento teórico deixava a Geografia neutra como ciência crítica que deveria ser

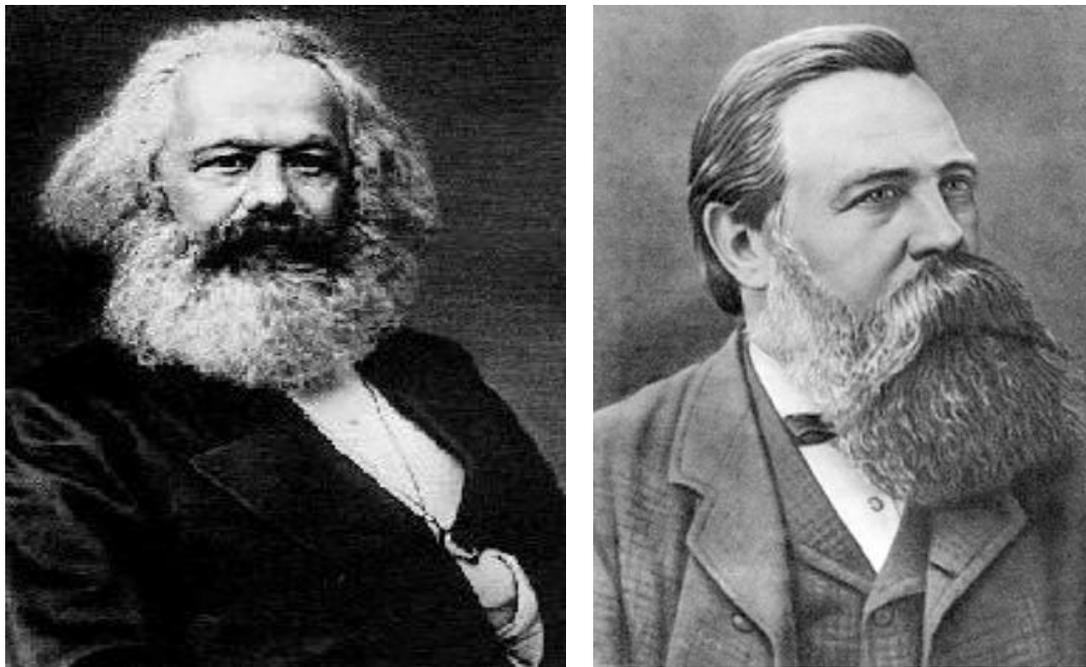
Fonte: MARIANO NETO, Slides de Geopolítica, 2022

Considerar as contradições inerentes ao sistema capitalista ao analisar a geopolítica no imperialismo é essencial para identificar os interesses conflitantes das potências mundiais. Essa perspectiva possibilita uma compreensão ampla das relações de poder, evidenciando como as desigualdades econômicas entre os países são determinantes para a manutenção da ordem imperialista. Ao examinar as contradições do sistema capitalista, torna-se possível compreender melhor as tensões e conflitos que permeiam as relações internacionais (Gonzalez, 2021).

Para Santos (2001), a Geografia Crítica tem como base o pensamento geográfico que considera as relações sociais como principais elementos na construção diferenciada do espaço, dentro de uma sequência de forma, função, estrutura e processo, em que as relações sociais de produção e os modos de produção dão a tônica da complexa atividade humana sobre a totalidade dos objetos geográficos naturais e sociais ou artificiais. Estes argumentos são

claramente uma visão de Santos que de acordo com Mariano Neto (2022), aproximam a Geografia do pensamento marxista (Figura 2 e 3):

Figura 2 e 3 – Karl Heinrich Marx – 1818 – 1883 e Friedrich Engels – 1820 – 1895



Fonte: Mundo Educação, 2024.

Em alguns debates com Mariano Neto (2021), percebemos que as teorias de Marx e Engels deram base para que centenas de geógrafos elaborassem estudos críticos em relação a geografia tradicional e ao modo de produção capitalista. Sua base está na geografia humanista, com vários pensadores que seguem o materialismo histórico e dialético. Podemos dizer que até certo ponto, passou a existir uma Geografia de marxista, representando os primeiros passos para a ideia de Geografia e Marxismo no início do século XX e se estendendo até os anos de 1990. Como já citados na introdução, alguns autores como: Yves Lacoste (1985), passou a abordar temas como o subdesenvolvimento, imperialismo e colonialismo de exploração imperialista.

Desde 1844, por razões práticas, e porque o Estado Prussiano parecia opressivo para os homens vivos e reais, Marx deixa de ver no Estado "a atualidade da ideia ética" (Cf. Hegel, *Filosofia de Direito*, par. 257). A religião e a filosofia não podem ter o mesmo conteúdo, já que a filosofia deve acima de tudo criticar este sólido apoio de instituições: a religião oficial. "Toda crítica deve ser precedido por uma crítica da religião." (*Crítica da Filosofia de Lei de Hegel*, Lil. Nactilass, 384). Marx escreveria mais tarde que Nessa época eu tinha entendido que tanto as relações jurídicas já que as formas do Estado não podem ser

explicadas por si mesmas ou por o suposto desenvolvimento do Espírito humano, mas têm suas raízes nas condições de vida material que Hegel... agrupa sob o nome de sociedade civil...". A partir deste momento, em Consequentemente, Marx desenvolveu o conteúdo do Hegelianismo (a teoria concreta de sociedade civil, «do "sistema de necessidades" e das relações sociais) contra o sistema hegeliano congelado e contra os seus efeitos políticos (Lefebvre, 1999, p.40).

De acordo com Lefebvre (1999), estão aí os pressupostos de Marx para a fundamentação do Materialismo Dialético. Estado opressor e Religião não podem ter o mesmo conteúdo, ou seja, "toda crítica deve ser precedida de uma crítica religiosa", talvez daí a ideia de que "a religião é o ópio de um povo".

A origem teórica e filosófica do materialismo dialético não é encontrada na Lógica de Hegel, mas em sua Fenomenologia. Esta é para Marx a chave do sistema hegeliano. É encontrado nele conteúdo real da vida humana, o movimento ascendente que vai "da terra ao céu." Contém, portanto, o aspecto positivo da Idealismo hegeliano. Hegel resolve o mundo em ideias, mas não contente em registrar passivamente os objetos de pensamento; procura expor o ato de sua produção (Cf. A Ideologia Alemã, 1, 23 1) de tal forma que dá "dentro da exposição especulativa" um verdadeira exposição que apreende a coisa em si (A Sagrada Família, L. Nº 14 305). Hegel considera, segundo o Manuscrito de 1844, com o criação do homem por si mesmo como um processo..." Examina o objetivação do homem em um mundo de coisas externas e sua desobjetificação (sua tomada de consciência de si mesmo) como uma superação de essa alienação. Vislumbra a essência do trabalho como atividade criativa e inclui o homem objetivo, o único homem real, como resultado deste poder criativo. Segundo a Fenomenologia, a relação entre homem consigo mesmo e com a espécie humana, a realização de si mesmo em si, só é possível graças à atividade da humanidade inteiro e representa toda a história da humanidade (Lefebvre, 1999, p. 40-41).

O autor observa que Marx amadurece seu pensamento em argumentos teóricos e filosóficos para além da lógica de Hegel. O homem como um processo em busca de superar sua alienação e em busca da sua consciência através da sua realidade histórica. É fundamental observarmos que no livro "o manuscrito econômico-filosófico", se encontra as bases para a superação de uma dialética de Hegel como afirma Lefebvre (1999),

El Manuscrito económico-filosófico, escrito por Marx en 1845 considera como esencial la pregunta: "Adónde conduce la lógica hegeliana?". El Manuscrito responde mediante una fórmula notable: "La lógica es la moneda del Espíritu". La lógica no es más que una parte de contenido, su aspecto más elaborado y el más impersonal, el más manejable, el más trabajado por los intercambios intelectuales. Subsisten en las categorías lógicas algunas señales del contenido y de su movimiento, y hasta en esta abstracción se puede reconstruir el movimiento y hallar el contenido; pero la lógica no es sino el valor del hombre, expresado en pensamiento abstracto, su esencia vuelta indiferente e irreal. Forma, por lo tanto., parte de la "alienación" del hombre real, puesto que hace

abstracción de éste, así como de la naturaleza y de la vida concreta. ¿Cómo se podría deducir de la lógica el mundo? ¿Y cómo resultaría ella la esencia del pensamiento humano? (Lebvere, 1999, p. 40-41).

Inicialmente, Marx busca fundamentar seu pensamento em uma análise crítica da realidade humana, sua alienação diante de uma vida concreta, mais rodeado por pensamentos abstratos e irreais. Atualmente, a influência do modo de produção capitalista na configuração do sistema internacional é crucial ao analisar a geopolítica no contexto do imperialismo. O materialismo histórico e dialético permite uma análise crítica dessas relações de poder, revelando como o capitalismo molda as estruturas geopolíticas globais (Figueiredo, 2020).

Na Geografia francesa dois nomes que se destacam que foram influenciados pelas teorias e método marxistas são Pierre George e Yves Lacoste, apesar de diferentes abordagens, eram geógrafos ligados ao socialismo francês.

Figuras 4 e 5 – Pierre George e Yves Lacoste – Geógrafos marxistas franceses



Fonte: Mundo Educação, 2024

Esses autores da Geografia francesa deram o pontapé inicial para estudos eminentemente voltados para uma perspectiva materialista e histórica, sendo Pierre George um autor voltado para a Geografia Urbana contemporânea e Yves Lacoste dedicado aos estudos teóricos da Geografia Política em uma visão mais mundial. Não podemos afirmar que estes dois geógrafos tenham se pautado em suas obras puramente pelo MDH, pois a Geografia do século XIX

ainda era fortemente influenciada pelo determinismo geográficos, mas eles foram os primeiros a utilizar abordagens preocupadas com uma Geografia mais humana e até certo ponto, crítica para a época.

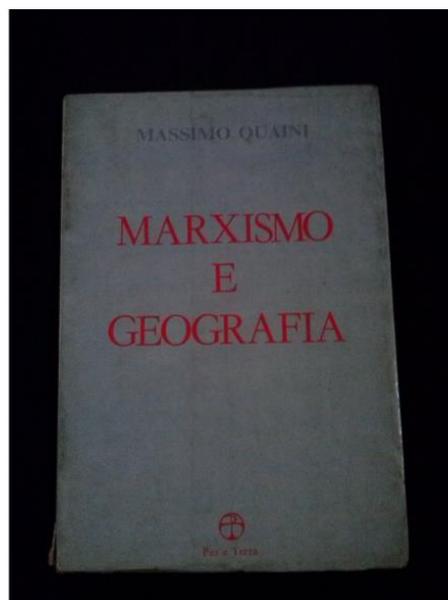
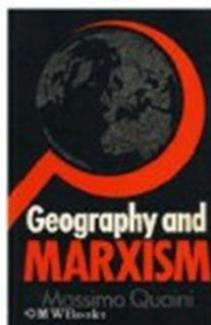
Examinar as transformações decorrentes do imperialismo capitalista sob essa ótica é essencial para compreender as estruturas de poder globais. Por meio dessa abordagem, é possível identificar como as classes sociais são afetadas pelas dinâmicas imperialistas, destacando os impactos desiguais dessas relações de poder na sociedade (Silveira, 2019).

Além de Pierre George e Yves Lacoste, enquanto geógrafos franceses contemporâneos, temos outros geógrafos que introduziram os temas do marxismo na geografia, na perspectiva do MHD, entre os quais, o italiano Massimo Quaini (1996), com sua obra clássica de *Marxismo e Geografia* (Figuras 6 e 7):

Figuras 6 e 7 – Massimo Quaini e sua Obra *Marxismo e Geografia*



Massimo Quaini, geógrafo Marxista italiano, que faz importante relação entre a Geografia e o marxismo.



Fonte: Mariano Neto, slides de geopolítica 2022.

Quaini (1996), se interessou por temas políticos e fez estudos sobre a libertação dos povos coloniais no contexto do movimento internacional dos trabalhadores entre os séculos XIX e XX. Seu trabalho mais citado, [*Marxismo e Geografia*], publicado em 1974. Em 1978, foi fundador e editor da revista "Heródote-Itália", inspirada na revista francesa "Heródote", fundada pelo

geógrafo Yves Lacoste. Estes argumentos demonstram que os geógrafos ocidentais de influência marxistas não estavam isolados.

As implicações éticas e morais do imperialismo capitalista à luz do MHD são temas importantes a serem discutidos em uma análise crítica da geopolítica no contexto do imperialismo. Essa abordagem possibilita uma reflexão profunda sobre as injustiças e desigualdades geradas pelo sistema dominante, destacando como o capitalismo promove a exploração dos recursos em prol dos interesses econômicos das potências dominantes (Maia; Farias, 2020).

Os desafios contemporâneos para uma análise crítica da geopolítica no imperialismo capitalista exigem uma abordagem teórica sólida que leve em consideração os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais envolvidos nas dinâmicas imperialistas. O MHD se mostra como um método eficaz para analisar criticamente essas transformações globais, permitindo uma compreensão mais profunda das estruturas de poder que regem o cenário internacional (Lima, 2017).

Na Filosofia francesa o maior expoente que escreveu dezenas de obras geográficas alertando para uma análise crítica bem-informada sobre o MHD foi Lefebvre (1961; 1970; 1999), o autor introduziu na Geografia debates sobre o Espaço do Capital, sobre a Dialética e o Materialismo Histórico entre outros temas que transformaram o mundo geográfico da época.

Desgraciadamente, la Fenomenología comprende mal la alienación humana. En aquello que realiza el hombre el inundo de los productos objetivos y de las cosas creadas por él Hegel ve una alienación. En los objetos y las potencialidades humanas que han tomado la forma externa (riqueza, Estado, religión) que desarraigan al hombre de sí mismo sometiéndolo a sus propios productos Hegel ve una realización del Espíritu. En efecto, Hegel "reemplaza al hombre por la conciencia". Reemplaza toda la realidad humana por la Conciencia que se conoce a si misma. "Hegel hace ?[el hombre el hombre de la conciencia en lugar de hacer de la conciencia la conciencia del hombre real, viviente en el mundo real". Así pues, esta conciencia no es más que el Espíritu metafísicamente dissociado de la Naturaleza, ella misma separada del hombre y simulada como existencia puramente externa. El Espíritu (el Saber o el Sujeto Objeto absolutos), es la unidad de estos términos, el hombre abstracto en la naturaleza metafísicamente traspuesta (Lefebvre, 1999, p.41).

Segundo o autor, Marx faz uma dura crítica a fenomenologia contida na filosofia de Hegel, tomando em sua análise três fenômenos externos (riqueza, Estado e religião), em que, sob estas três bases a alienação afasta o homem do seu lugar consciente e real. Esses e outros autores demonstram em seus

estudos geográficos que tanto o pensamento teórico e filosófico de Marx, quanto sua abordagem metodológica são fundamentais aos geógrafos que trabalham com a análise crítica, a partir dos fenômenos sociais, políticos, econômicos e culturais. Como afirma Mariano Neto (2019), até mesmo no campo de ecologia e do meio ambiente é possível utilizar o MHD.

Mariano Neto (2019), destacou pelo menos três autores que trabalharam os temas ecológicos e ambientais na perspectiva do marxismo aos exemplos de (Duarte, 1986); (Burkett, 1986); (Lipietz, 2003). Em estudos ambientais ou ecológicos, Mariano Neto (2001), também aborda as contradições do mundo capitalista global que gerou grandes áreas de subdesenvolvimento e Submundialização. Se para muitos, o pensamento de Karl Marx se perdeu entre o final do século XIX e início do século XX, vemos pelos diferentes argumentos e autores, que ainda existem muito folego dentro do MHD, novos temas e novas perspectivas que estão diretamente atrelados a práxis, tão bem argumentadas para embasar o método.

4 O PENSAMENTO GEOGRAFICO ATRELADO AO MARXISMO

O materialismo histórico e dialético se mostra como um método essencial para a análise da geopolítica dentro do contexto do imperialismo capitalista. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais profunda das relações de poder entre os Estados e das dinâmicas econômicas globais. Ao considerar as contradições internas do sistema capitalista, é evidente como a luta de classes e a busca por recursos naturais influenciam diretamente nas relações entre os países, moldando a configuração da geopolítica mundial (Gonzalez, 2021).

Quando os geógrafos críticos se aproximam do marxismo, nasce a possibilidade de abordagens geográficas que eram pouco convencionais, pois a Geografia só passou a se interessar por análises críticas pautadas pela realidade histórica, basicamente ao final do século XIX e início do século XX, período de grandes conturbações políticas e territoriais, envolvendo grandes potências em que alguns autores franceses, posteriormente alemães e ingleses, começavam

a fazer interpretações mais amplas ou universais, o que exigia nova metodologia de pesquisa.

Nessa perspectiva, se fossemos elaborar um quadro resumido de geógrafos que foram influenciados pelo MHD e pelo pensamento socialista de Karl Marx, estes autores seriam a base do pensamento marxista na Geografia contemporânea e seus pensamentos ou obras são literalmente comprometidas com uma Geografia Crítica, em especial sobre o modo de produção capitalista e suas ações imperialistas, desencadeadas por tensões, conflitos e disputas territoriais em diferentes escalas (Quadro 1):

Quadro 1 – Uma Geografia de Influência Marxista e do MHD
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Novas categorias de análise – Espaço e Sociedade, Relações de trabalho, Modo de produção, Renda da terra, propriedade privada. ▪ David Harvey – buscou na ampla e complexa obra de Marx por referências a temáticas territoriais e regionais 1940 – 1950. ▪ A práxis entre o mundo acadêmico e os movimentos de esquerda, com intervenções sociopolíticas. ▪ Massimo Quaini - matriz gramsciana, influenciou da geografia italiana de esquerda (Partido Comunista Italiano). ▪ O espaço geográfico é visto como a própria sociedade (especializada), fruto da reprodução do modo capitalista de produção. ▪ A Geografia Crítica na sua versão Radical (ou marxista) assume a característica de uma ciência militante voltada a denunciar e combater as contradições, injustiças e desigualdades sociais. ▪ Surgiu uma ciência com caráter social e até mesmo revolucionário com pensamentos aplicados a realidades contraditórias: ▪ <i>“A geografia é uma prática social em relação à superfície terrestre” (Yves Lacoste).</i> ▪ <i>“A Geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”. (Yves Lacoste).</i> ▪ <i>“A questão do espaço não pode ser não pode ser uma resposta filosófica para problemas filosóficos, mas uma resposta calcada na prática social” (David Havey).</i> ▪ <i>“O espaço é a morada do homem, mas pode ser também sua prisão” (Milton Santos).</i> ▪ <i>“O capitalismo é um sistema de ideias para o espaço geográfico baseado na divisão social do trabalho em um sistema de objetos e ações”. (Milton Santos).</i>
<p>Fonte: Mariano Neto, 2022 - Tópicos de Geopolítica.</p>

O pensamento crítico entrou na geografia como um definidor conceitual, teórico e metodológico arraigado ao MHD, em que os geógrafos interessados nessa nova abordagem, introduziu os preceitos e fundamentos de uma nova práxis geográfica, muito mais social, política e econômica, do que, meramente física ou estatística.

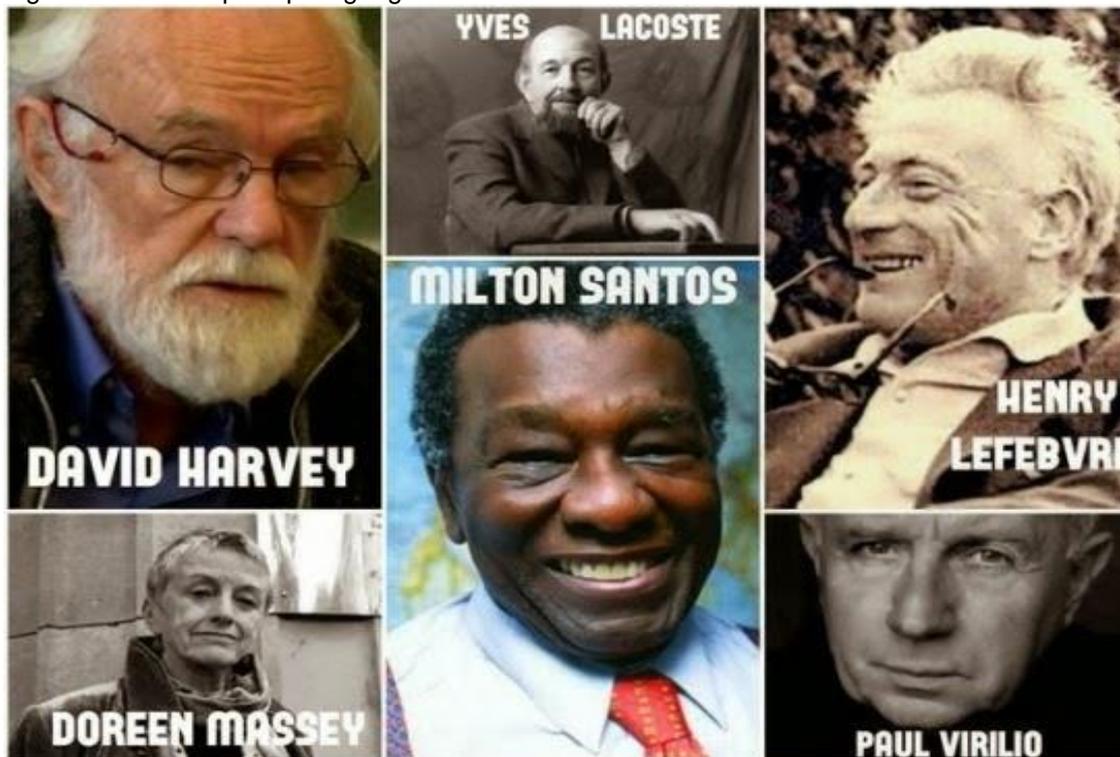
De acordo com Figueiredo (2020), a análise crítica das políticas imperialistas sob a ótica do materialismo histórico e dialético desvela as

estratégias de dominação e exploração dos países periféricos pelos centros hegemônicos. Essa abordagem permite entender as motivações por trás das ações geopolíticas dos Estados, ressaltando a relação intrínseca entre interesses econômicos e políticos na formulação dessas políticas externas.

Além disso, é crucial considerar o papel das superestruturas ideológicas na construção de justificativas geopolíticas, pois o materialismo histórico e dialético oferece ferramentas analíticas para compreender os discursos que legitimam as práticas imperialistas e esses debates estão no cerne das questões de controle e poder político territorial e até mesmo demográfico (Raffestin, 1993).

Entre os autores marxista do século XX já citados ao longo desse estudo, se destacam nomes europeus, norte-americanos e brasileiros, pois a Geografia ganhou o campo humanístico e social com muito mais força, trazendo filósofos como Henri Lefebvre (1975) para dialogar com uma geografia que ainda estava se descobrindo metodologicamente (Figura 8):

Figura 8 – Box de principais geógrafos marxistas do Século XX



Fonte: Grupo de Estudos da Localidade, 2014. <GeoLuizLopes.com>

Entre os geógrafos em destaque, Doreen Massey atua em geografia e poder, espaço urbano e processos de globalização. David Harvey - conhecimentos geográficos sobre questões urbanas. Seus estudos também

abrangem questões econômicas ligadas ao marxismo e ao capitalismo contemporâneo. Esse quadro em formato de box é apenas uma pequena parcela dos geógrafos que optaram pelo MHD e uma análise prática dos fatos especializável no interior do modo de produção capitalista. Muitos outros, também passaram a adotar esse fundamento geográfico.

Frente à complexidade das relações entre economia, política e cultura no contexto do imperialismo capitalista, torna-se imprescindível adotar uma abordagem interdisciplinar para compreender esses fenômenos. O materialismo histórico e dialético emerge como um instrumento teórico capaz de fornecer insights profundos sobre as conexões entre essas diferentes esferas da sociedade, permitindo uma análise mais abrangente e crítica das dinâmicas geopolíticas contemporâneas (Dallabrida, Rotta, Büttgenbender, 2021).

Outro aspecto das teorias marxistas que foram trazidas para a Geografia, despontam os indícios para a luta de classes, enquanto maneiras objetivas para analisarmos a realidade historicamente constituída, sem perder de vista as próprias e já existentes categorias de análise (Quadro 2):

Quadro 2 – Os pressupostos para uma Geografia e as ideias de luta de Classes
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Entre os diversos conflitos que se instaurariam no meio social, Marx definiu a luta de classes como a força motriz da história humana, o combustível da mudança do mundo social; ▪ A luta de classes, que seria, portanto, o motor das mudanças sociais, refletiria as diferenças materiais que se instauram no meio social. Essas mudanças poderiam ocorrer de forma gradual ou, em casos extremos de desigualdade, por meio de revoluções; ▪ Para o marxismo, a existência de classes não é eterna, está ligada às formas historicamente determinadas do desenvolvimento da produção e das relações de produção baseadas na propriedade privada dos meios de produção. Para superar as classes só com uma revolução do proletariado; ▪ O Geógrafo deve intervir no processo político e social através de expedições na sociedade para a Investigação Humana, os geógrafos devem ir até as áreas mais pobres tornando-se uma pessoa desta região indo de encontro com os problemas sociais. A busca da geografia na realidade social (Práxis geográfica – Geografia da intervenção).
Fonte: Mariano Neto, Slides de Geopolítica, 2022.

Ao considerar as potencialidades emancipatórias do MHD no âmbito da geopolítica, abre-se espaço para a construção de alternativas que visem à superação das desigualdades e opressões inerentes ao imperialismo capitalista. A partir de uma análise crítica das relações de poder globais, é possível

identificar brechas para a atuação política e social que busque subverter as estruturas dominantes e promover formas mais justas e igualitárias de organização da sociedade. Assim, o uso desse método analítico revela-se não apenas como uma ferramenta acadêmica, mas também como um instrumento político capaz de contribuir para a construção de um mundo mais justo e solidário (Silva, 2016).

Ao longo deste estudo, fica evidente a importância do MHD como método de análise da geopolítica no contexto do imperialismo capitalista. Essa abordagem revela-se crucial para desvendar as contradições e conflitos inerentes a esse sistema, permitindo uma compreensão mais profunda das relações de poder entre os países (Andrade, 2022). Além disso, destaca-se a relevância de considerar o papel das classes sociais na análise geopolítica, mostrando como as diferentes classes são afetadas pelas políticas das potências dominantes (Júnior, 2005).

Contextualizar a geopolítica dentro das contradições do sistema capitalista é fundamental para elucidar as raízes dos conflitos geopolíticos (Dallabrida, Rotta, Büttenbender, 2021). Nesse sentido, a contribuição do materialismo histórico e dialético para uma abordagem crítica da geopolítica é indiscutível. Ao questionar as narrativas dominantes, esse método possibilita uma visão mais ampla das relações internacionais e promove uma reflexão sobre os mecanismos de poder presentes no sistema internacional (Lima, 2017).

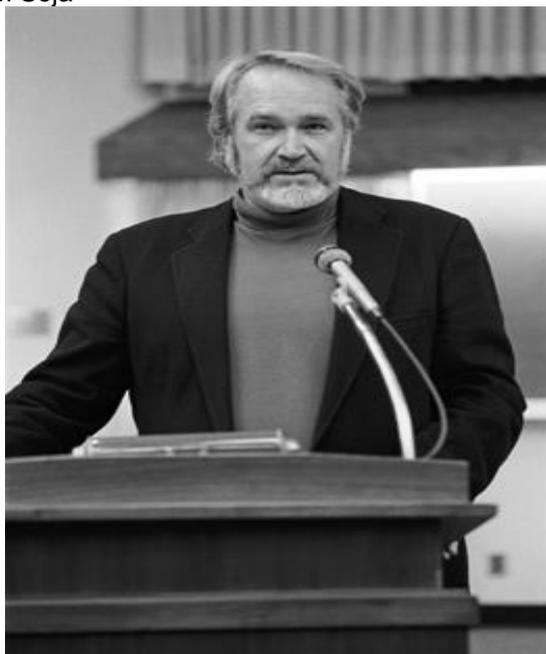
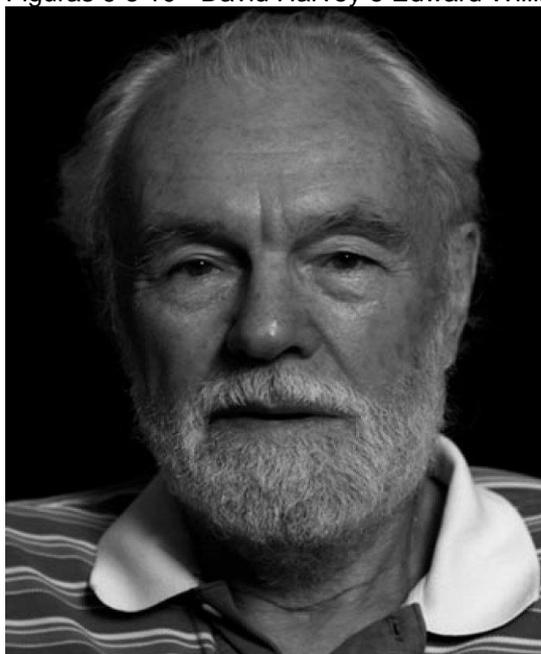
Integrar a análise geopolítica com uma perspectiva histórica e dialética enriquece o debate acadêmico sobre as relações internacionais, permitindo uma compreensão mais completa dos desafios enfrentados pela comunidade internacional (Maia; Farias, 2020). No entanto, a aplicação do materialismo histórico e dialético na análise geopolítica enfrenta desafios, como a complexidade dos fenômenos geopolíticos e a necessidade de uma abordagem multidisciplinar (Osório, De David, 2023).

Superar esses desafios requer um esforço conjunto da comunidade acadêmica, incluindo a interdisciplinaridade, o diálogo com outras correntes teóricas e a constante revisão crítica dos pressupostos (Gonzalez, 2021). Somente assim é possível avançar na compreensão dos processos geopolíticos contemporâneos sob a ótica do MHD.

Dezenas de outros autores poderiam ser citados ao longo desse estudo, mas a ideia principal aqui foi desnudar os principais pensadores que até certo ponto, foram influenciados pelo pensamento marxista ao ponto de trazer para o contexto da geografia contemporânea os fundamentos e o MHD enquanto um método capaz de fundamentar as pesquisas em geografia.

Escolhemos dois pensadores da geografia contemporânea entre os muitos. Dos diferentes autores e obras, ainda cabe tratar de David Harvey e Edward William Soja, pois estão bem ancorados em uma geografia cada vez mais atual. Harvey (2001), explora a ideia de produção capitalista do espaço. Em 2003 publica “O Novo Imperialismo”; em 2006 “Os Limites do Capital e segue com essa mesma linha de raciocínio, explorando temas como o “Neoliberalismo”, A História e Implicações dos conhecimentos geográficos sobre questões urbanas, questões econômicas ligadas ao marxismo e ao capitalismo contemporâneo (Figuras 9 e 10):

Figuras 9 e 10 - David Harvey e Edward William Soja



Fonte: Grupo de Estudos da Localidade, 2014. <GeoLuizLopes.com>

Quando as leituras de Harvey são feitas, se percebe que o autor não apenas um teórico ou intelectual orgânico que produz conceitos e teóricas puramente envoltas de academicismo, sem uma base na realidade dos fatos. O Autor, além de construir novos arranjos teóricos a partir do MHD, também aproxima a Geografia da História, sempre buscando encontrar uma práxis

geográfica associada aos processos de transformações sociais, políticas e econômicas para além do grande capital.

Estes dois geógrafos estão no coração da maior potência imperialista do capitalismo global e a utilização do MHD em suas pesquisas e na abordagem teórica contemporânea deu margem para uma geografia crítica muito bem sedimentada. Soja é talvez o geógrafo contemporâneo que melhor sistematizou uma ideia sobre o MHD aplicado ao espaço geográfico. Ele defende a tese de uma dialética do espaço como produção social historicamente constituída.

Apesar de ainda existirem muitas obras suas sem tradução para a língua portuguesa. O autor se tornou muito popular entre os geógrafos brasileiros e mundiais, pois além de produzir uma geografia do presente, com abordagens sobre a Globalização e Capitalismo no Sec. XX; A Loucura da Razão Econômica; O Neoliberalismo, História e Implicações. Inova ao atualizar as abordagens e diálogos entre geógrafos, historiadores, economistas, filósofos e sociólogos, entre suas obras mais destacadas (Quadro 3):

Quadro 3 – Obras de destaque de David Harvey
<ul style="list-style-type: none"> • A Brief History of Neoliberalism • A produção Capitalista do Espaço • Cosmopolitanism and the Geographies of Freedom • Justice, Nature & the Geography of difference • La-condicion-de-la-posmodernidad • Megacities Lecture 4. • - Paris, capital of modernity • - Rebel cities • - Social Justice and the City • - Spaces of Capital • - The Condition of Postmodernity • - The Enigma of Capital • - The limits to capital. • - The New Imperialism • Ciudades rebeldes • . Breve História del Neoliberalismo • O enigma do capital
Fonte: Harvey, 2001

Assim como Harvey (2001), Soja (1993) entre outros, conseguem mediar importantes reflexões com Lefebvre (1975), pois esse filósofo francês, já trabalhava com o pensamento e metodologia Marxista em pelo menos umas três décadas de antecipação dos geógrafos. A geografia finalmente estava

atravessando as soleiras da modernidade para entrar na pós-modernidade ou contemporaneidade.

Como podemos observar, são muitos os aspectos de uma geografia marxista que podem ser encontradas em diferentes autores do mundo ocidental e as análises foram se tornando mais complexas, na medida em que a própria sociedade capitalista e o seu desenvolvimento tecnológicos e de disputas geopolíticas internacionais se ampliaram e encontraram resistência também geopolíticas, tanto dentro do capitalismo, quando em outras instâncias de poder.

Entre dezenas de obras sobre metrópoles como Nova York, Los Angeles e outros lugares, cidades e regiões, Soja (1993) em sua mais importante obra - *Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na Teoria Social Crítica* – Na qual, dialoga com geógrafos, sociólogos e historiadores marxistas de sua época, faz uma análise crítica ao historicismo que exclui a dimensão espaço-tempo como base para o modo de produção capitalista, melhor exemplo de imperialismo capitalista na contemporaneidade (Quadro 4):

Quadro 4 – A Geografia e o Marxismo na perspectiva de Soja (1993)

- Dialoga com teóricos não geógrafos como Michel Foucault, Henri Lefebvre na perspectiva materialista do espaço;
- o pensamento social crítico de base marxista e como esse pensamento deve absorver a temática espacial em seu conteúdo;
- Considera Henri Lefebvre como o mais importante intelectual do marxismo ocidental e defensor da reafirmação do espaço na Teoria Social Crítica.
- cita geógrafos marxistas como Harvey, Neil Smith e outros, como precursores na proposição de unir o desenvolvimento de um materialismo histórico-geográfico;
- Considera a organização do espaço como produto social (espacializações) é debatida por Soja na perspectiva materialista, indicando que o tempo, o espaço e a matéria estão inextricavelmente ligados
- relata que o desenvolvimento da análise espacial marxista coincidiu com a intensificação das contradições sociais e espaciais nos países centrais e periféricos, em virtude da crise geral do capitalismo iniciada na década de 1960 em plena Guerra Fria e disputas geopolíticas;
- Discute a relação entre a acumulação capitalista e o Estado diante da flexibilização no planejamento da produção social do espaço urbanizado, e afirma que o processo de industrialização pós-fordista (re)produz o urbanismo.

Fonte: Soja (1993).

Aqui estão apenas alguns aspectos pontuais do pensamento marxistas e do MHD em autores como Soja (1993), que certamente influenciaram a geografia em diferentes partes do mundo. Inclusive os geógrafos brasileiros, apesar de entendermos que no Brasil, a Geografia ganhou maior força a partir

da Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em especial do contado com as Ciências Sociais.

Dentre os geógrafos brasileiros, se destacam nomes de peso para a Geografia Marxista e entre eles o geógrafo Ruy Moreira, um dos primeiros a dedicar importantes abordagens na perspectiva do MHD, com análises críticas e em pleno período de Ditadura Militar, fez análises profundas sobre imperialismo, colonialismo e modo de produção capitalista, com dezenas de estudos e publicações teóricas e epistemológicas, sempre atreladas ao marxismo e a busca de uma práxis geográfica antenado com a realidade histórica e os confrontos ou forças que disputam espaço de poder.

Nessa mesma perspectiva a Geografia brasileira também gerou outro importante teórico influenciado pelo MHD, que deu base para os estudos ou análises críticas na dimensão socioespacial, entre eles Santos (2001), que tratou sobre o processo de globalização, mas anteriormente sustentou importantes estudos sobre o espaço geográfico, inovando em alguns aspectos do método de análise pautado pela ideia de Meio Técnico, Científico e Informacional. Santos chegou a publicar dezenas de obras, além de artigos e capítulos ou a organização de estudos em parceria com outros autores (figura 11 e 12):

Figuras 11 e 12 – Geógrafos brasileiros Ruy Moreira e Milton Santos



Fonte: Mariano Neto, Slides Geopolítica, 2022.

Milton Almeida dos Santos foi um geógrafo brasileiro, graduado em Direito, destacou-se por seus trabalhos em diversas áreas da geografia, em especial nos estudos de urbanização do Terceiro Mundo. Foi um dos grandes nomes da renovação da geografia no Brasil ocorrida na década de 1970. Foi

perseguido político durante a Ditadura Militar e teve que se exilar na França, onde desenvolveu grande parte de suas teorias, obras e conceitos, com dezenas de livros e estudos sobre Geografia Espaço, território, lugar, região metropolização, entre outros temas.

Dezenas de outros autores dentro da Geografia brasileira, poderiam ser citados e analisados na perspectiva da utilização do MHD em suas obras e abordagens teóricas e metodológicas ao exemplo de José William Vesentini, pois além de um pesquisador em nível superior, Vesentini (1985), passou a produzir livros didáticos para serem adotados no ensino básico, fundamental e médio. Em suas obras popularizou a expressão “Geografia Crítica” e introduziu os conceitos nas diferentes séries do ensino da Geografia Escolar.

O autor também produziu muitos artigos, capítulos e livros que trataram sobre o processo de globalização, nova ordem internacional, imperialismo, luta de classes, entre outros temas típicos da geografia marxista. Na mesma linha de pensamento, vários outros geógrafos brasileiros, dedicaram importantes partes dos seus estudos as abordagens geográficas de perfil materialista, com destaque para a historiografia da Geografia, ao exemplo de Moares (1996); Gonçalves (ano), trazendo para a Geografia as diferentes abordagens teóricas e entre elas o marxismo.

No campo da Geografia Agrária estudos mais aprofundados foram feitos por Oliveira (ano); Mançano (ano); Umbelino (ano); Andrade (1980). Autores que analisaram as contradições do modo de produção capitalista no campo, destacando aspectos dos conflitos agrários e da estrutura fundiária brasileira.

Dentro da Geografia Econômica e Urbana, para além de Santos (diferentes anos), também se destacam Carlos (2004); Silveira (2015); Becker (1995), Corrêa (1987), entre outros que discutiram tanto as dinâmicas do espaço urbano, quanto os processos de apropriação destes espaços pelo capital, demarcando contradições socioespaciais e de classes.

Dentro da Geografia Política Brasileira surgiram estudos já nas décadas de 1950 e 1960 com Josué de Castro que desenvolveu estudos sobre as contradições sistêmicas do modo de produção capitalista, apontando para uma Geografia da Fome e uma Geopolítica da Fome (Castro, 1946, 1953), além de outros autores como Castro (ano); Costa (2008), em que discutem a Geopolítica

não apenas na perspectiva do Brasil, considerando cenários da América Latina e do mundo.

Estes autores europeus (franceses, ingleses, alemães e italianos), norte-americanos e brasileiros, foram fundamentais para introduzir o MHD e o próprio pensamento marxista na geografia, dando a ciência geográfica novas abordagens, linhas de pesquisas e temas socioeconômicos e políticos que não eram abordados pela geografia clássica ou tradicional.

Outros aspectos desse processo de aproximação da geografia com o marxismo, residiu na ampliação dos diálogos teóricos entre a geografia humana e as ciências sociais (Sociologia, Antropologia e Política), além da Filosofia trazida pelo francês Henri Lefebvre como as bases para: o Marxismo, o materialismo dialético, a produção do espaço, o rural e o urbano, o direito a cidade, a lógica forma e a lógica dialética. Obras que sedimentaram na geografia e nos geógrafos de meados do século XX para início do século XXI uma maior capacidade de análise crítica.

Lefebvre (1999), escreve seu livro sobre o Materialismo Histórico e fizemos questão de trazer alguns fragmentos do original em espanhol para encerramos esse capítulo, visto que o pensamento de Marx e do seu parceiro Engels confrontam a filosofia e a dialética de Hegel e Feuerbach, e neste debate teórico e filosófico Marx separa finalmente ou diferencia claramente a dialética fenomenológica e idealista do MHD.

El Manuscrito económico-filosófico rechaza la lógica dialéctica para aceptar la teoría de la alienación, modificándola profundamente. Esta posición se precisa en el curso de los años 1845 y 1846, durante los cuales Marx y Engels confrontan con la filosofía de Feuerbach el humanismo al cual ellos fueron conducidos por su propia experiencia y por su crítica del hegelianismo. El estudio del desarrollo del pensamiento marxista no nos muestra un "período feuerbachiano" sino una integración y al mismo tiempo una crítica continua del pensamiento de Feuerbach (Lefebvre, 1999, p.48)

Estamos em 1845 e 1846, momento em que Marx publica Manuscrito Econômico-Filosófico e Lefebvre (1999) demonstra claramente que a obra é uma crítica as contradições filosóficas de Hegel e Feuerbach, nesse contexto Marx aponta quatro condições para o homem atingir a sua consciência da realidade material e histórica,

Para que el hombre arribe a la conciencia, son necesarias por lo menos cuatro condiciones o presuposiciones: a) La producción de medios de

subsistencia; b) la producción de necesidades nuevas, una vez satisfecha la primera necesidad y adquirido ya su instrumento, lo que constituye "el primer hecho histórico" y separa al hombre de la animalidad; c) la organización de la reproducción, es decir, de la familia; d) la cooperación de los individuos, la organización práctica del trabajo social (Cf. Id. Alem., págs. 17 y sigs.). La conciencia es por lo tanto desde el principio un producto social, y así permanece. Al comienzo, la conciencia no es más que "conciencia de rebaño", animal y biológica. Seguidamente, se vuelve real, eficiente, especialmente con la división del trabajo. Sin embargo, desde el momento en que hay división del trabajo material y espiritual desde que la conciencia existe para ella misma puede imaginarse que es otra cosa que la conciencia de la praxis existente. Pierde de vista sus propias condiciones. La reflexión naciente del individuo consciente quiebra la totalidad social, en el momento preciso en que esta totalidad se desarrolla y se amplifica, pero ahí donde en la división del trabajo toda actividad no es más que una actividad parcelaria. Así se vuelven posibles las fantasías ideológicas. Por otra parte, la división del trabajo atribuye la producción y el consumo a individuos diferentes. "División del trabajo y propiedad son expresiones idénticas". La comunidad entra en conflicto con los individuos. Finalmente, la potencia propia del hombre se vuelve una potencia extraña que se le opone, lo subyuga, en lugar de ser dominada por él". Cada uno está constreñido a su esfera, prisionero de su actividad, sometido a un conjunto que no comprende". Esta cosificación de la actividad social y de nuestro producto en una potencia que escapa a nuestro control, que decepciona nuestras esperanzas y reduce a la nada nuestros cálculos, es uno de los momentos principales del desarrollo". Es la alienación real del hombre real. Toma especialmente la forma de la esclavitud, de los conflictos entre clases, en el Estado. El Estado es una "comunidad ilusoria" pero sobre la base de conexiones existentes: interviene en los conflictos, como árbitro, presentándose en nombre del interés general, en tanto que representa los intereses del grupo social que detenta el poder político (Lefebvre, 1999, p.49).

Quando os geógrafos críticos se deparam com esse pensamento teórico e filosófico, compreendem a importância de trazer estas ideias para as análises geográficas pautadas no homem, na sociedade, nas suas relações sociais e de produção. Compreender as contradições sociais, a práxis dessas contradições e os processos de exploração do homem pelo próprio homem, usando a alienação do poder e a apropriação dos meios de produção para essa exploração, permitiu aos geógrafos compreenderem a direta relação dos grupos sociais com o poder político e conseqüentemente com a Geografia Política na lógica do imperialismo capitalista.

A Geografia em uma perspectiva crítica e com amparo teórico e metodológico em Karl Marx e Frederich Engels é algo recente, considerado a partir do final do século XIX e XX, mesmo que alguns geógrafos já estivessem antenados com as questões humanas e sociais e econômicas em seus estudos, até a compreensão dos processos políticos e geopolíticos fossem incorporados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Geografia Política e Geopolítica sempre fascinaram ao pesquisador, pois desde as primeiras fases do Ensino Médio nos deparamos com temas que tratavam de conflitos entre países, tensões e guerras em regiões e no mundo como um todo. Foram estas primeiras abordagens geográficas ainda no ensino médio que nos despertaram para cursar Geografia.

Ao chegar na Universidade nos deparamos com os temas da Geopolítica e com os conceitos de MHD, relações internacionais, globalização, velha e nova ordem mundial. Na primeira disciplina ministrada pelo professor Mariano Neto, atual orientador dessa pesquisa, foram abordados os temas e só no sétimo período, durante a disciplina específica de Geografia Política e Geopolítica, estas questões voltaram a tona.

Durante as disciplinas de Geografia Econômica e de Metodologias para o Ensino de Geografia foram abordados os conceitos-chaves de modo de produção capitalista e de MHD aplicado aos estudos geográficos. Aí começou o amadurecimento e as pretensões mais firmes para a pesquisa ou o estudo nessa área. Compreender as dinâmicas do modo de produção capitalista e suas contradições históricas, econômicas e sociais era um interesse crescente.

Com o estudo, percebemos que os conceitos de imperialismo e colonialismo estão diretamente relacionados, mas são diferentes: no Colonialismo – existe a ideia de poder político, econômico, cultural, jurídico e social de uma potência sobre territórios conquistados e controlados. Esse poder é imposto e mantido na maioria das vezes por um poder militar fortemente armado.

No Imperialismo as potências econômicas e políticas em determinado período histórico, estabelecem estratégias de ampliação e controle de territórios e populações menos poderosas. Vimos que em muitos casos, o imperialismo é a base de um recorte geopolítico que se desenvolve ao longo de séculos. E com base nestas argumentações foi possível o desenvolvimento do estudo a partir do MHD.

Os autores escolhidos nos deram a base teórica para entendermos que, o que define o imperialismo na atualidade é a dominação do sistema financeiro mundial, das atividades econômicas, dos meios de produção, comunicação,

informação e do poder militar espalhados pelo mundo. Depois de observados estes dados, temos um claro processo de imperialismo ditatorial, que se transveste de democrático e pacifista, mas que na realidade se mantém há pelo menos três séculos. Independente dos conflitos de interesses desse imperialismo em escala local, regional e mundial.

A democracia é na verdade um discurso ideológico conveniente para o imperialismo capitalista, atualmente liderado pelos norte-americanos, pois tanto apoiam quanto provocam a instalação de golpes políticos e militares em diferentes regiões do mundo.

Autores como Santos (2001), quando tratam sobre a globalização, apontam para a ideia de meio informacional e nesse momento, já temos as bases de uma "guerra cibernética", podendo ser considerada o mais novo meio de guerra, alterando os meios tradicionais das guerras territoriais (terra, mar, ar, armas de fogo, químicas e biológicas).

A internet é uma forma de multiplicar informações e contrainformações entre os grupos em conflito direto e usam as redes sociais e demais meios de comunicação para controle social.

Um mundo iluminado pelas tecnologias, preste a entrar nas trevas mais uma vez. Uma saída geoestratégica para o capitalismo em crise econômica é a Guerra, pois vendem armas, criam pânico e oferecem segurança. Nessa nova etapa do imperialismo capitalista, as tecnologias da informação e da comunicação (TIC's) podem estar ao alcance de todos os que podem pagar por ela. Mas na base do sistema, existe um forte controle das informações e quais devem ser propagadas ou bloqueadas.

Esse estudo em forma de artigo, apenas apontou teorias e conceitos de autores que geraram ao longo do último século, em especial entre os anos de 1950 a 1990, uma base teórica que resgatou o pensamento marxista do século XIX para a Geografia e entre o final do século XX e nas primeiras décadas do século XX, a Geografia deu importantes passos para consolidar o MHD e uma geografia crítica capaz de interagir com outras ciências sociais e humanas, para uma melhor base teórica e metodológica em suas pesquisas.

Depois da introdução do MHD no sistema de conhecimentos geográficos a própria geografia física teve que se reinventar, pois a dinâmica do capitalismo ultrapassou o que foi previsto por Marx nas relações contraditórias e de

exploração de classes sociais pela lógica capitalista e imperialista, pois a natureza passou a ser profundamente degradada pela super exploração e avanços tecnológicos que Santos (2001) configurou como o Meio técnico, Científico e Informacional, capazes de colocar em xeque toda a vida do Planeta Terra.

Esperamos que outros estudos possam aprofundar ainda mais essa geografia que atua em meio aos conflitos e tensões do imperialismo capitalista, pois já são centenas de pesquisadores, com milhares de livros e artigos produzidos. A teoria geográfica e as metodologias científicas foram renovadas e os temas que englobam questões políticas, geopolíticas, sociais econômicas, culturais e até ambientais, além de categorias geográficas como espaço geográfico, território e poder, questões urbanas, agrárias e econômicas são constantemente abordadas na perspectiva do MHD.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A.R. Contribuições de Marx sobre a relação sociedade-natureza eo imperialismo ecológico na América Latina: Contributions from Marx on the relation society-nature and. AMBIENTES: Revista de Geografia, 2022.

Disponível em: <<https://e-vesta.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/28184>>.

ANDRADE, Manuel Correia de. A construção da Geografia brasileira. RA'E GA: o espaço geográfico em análise. Curitiba, n. 3, p. 19-34, 1999.

Andrade, Manuel Correia de. Uma Geografia para o século XXI. Campinas: Papirus, 1994.

BARBERIO, LDG; SUGAHARA, MCG. A teoria expandida do capitalismo proposta por Nancy Fraser e sua contribuição para o estudo da geografia do capitalismo. Espaço e Geografia, v. 2023. Disponível em:

<<https://periodicos.unb.br/index.php/espacoegeografia/article/view/46540>>.

BITOUN, J. & MIRANDA, L. - Desenvolvimento e Cidades no Brasil

BRANQUINHO, E. dos S. O MATERIALISMO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO: APONTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS. Geografia, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/download/31307/21396>>.

BURKETT, Paul. Marx and Nature. A red and green perspective. In: FALADORI, Guillermo. Ambiente & Sociedade. Campinas/SP: NEPAM/UNICAMP, 2001.

CASTRO, Iná Elias de. Geografia e Política: Territórios, escalas de ações e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CASTRO, Josué de - Geografia da Fome.

CHASIN, J. Marx: Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.

CHISHOLM, Michael. Geografia humana: evolução ou revolução? Rio de Janeiro: Interciência, 1979.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1992.

DALLABRIDA, V. R.; ROTTA, E.; BÜTTENBENDER, P. L. Pressupostos epistêmico-teóricos convergentes com a abordagem territorial. Revista Brasileira de Gestão e ..., 2021. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/6343>>.

DAVID, T.D. A reconfiguração do imperialismo na América Latina durante o século XXI. 2023. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-26042023-164710/en.php>>.

DAVIS, Mike -Planet-of-Slums

DINIZ FILHO, Luis Lopes. A dinâmica regional recente no Brasil: desconcentração seletiva com “internacionalização” da economia nacional. Doutorado em Geografia Humana – Departamento de Geografia da FFLCH-USP, São Paulo, 2000.

DINIZ FILHO, Luis Lopes. Certa má herança marxista: elementos para repensar a geografia crítica. In: Kozel, Salete e Mendonça, Francisco de Assis (Org.). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. p. 77-108.

DUARTE, Rodrigo A. de Paiva. Marx e a Natureza em O Capital. São Paulo, Edições Loyola, 1986

FIGUEIREDO, W. S. O Fio de Ariadne eo labirinto da internet: geografia e tecnologia: a dialética virtual x real, as redes e as ruas: o ciberespaço como dimensão socioespacial. 2020. Disponível em:
https://repositorio.unesp.br/bitstream/11449/194531/3/figueiredo_ws_dr_bauru.pdf.

GEORGE, Pierre - Panorama do mundo atual. (Coleção Terra e Povos). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. 2ª Edição.

GODOY, P.R.T. Historia_do_pensamento_geografico e epistemologia em Geografia

GOLDENSTEIN, Léa e Seabra, Manoel. Divisão territorial do trabalho e nova regionalização. Revista do Departamento, São Paulo, n. 1, p. 21-48, 1982.

GOMES, Horieste. A Geografia e suas implicações no subdesenvolvimento do Terceiro Mundo. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 59, p. 43-58, 1982.

GOMES, Paulo César da Costa. Geografia e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto e Azevedo, Nilce Moreira de. A geografia do imperialismo: uma introdução. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 59, p. 23-42, 1982.

GONZALEZ, R. M. Apontamentos preliminares sobre formação social: o território econômico do imperialismo como determinação na ... In: Anais do ENANPEGE, 2021. Disponível em:
 <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV154_MD1_SA139_ID273404102021154110.pdf>.

HAESBAERT, Rogério. GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A nova des ordem mundial. São Paulo: UNESP, 2005.

HARVEY, David - A produção Capitalista do Espaço. São Paulo: Annablume, 2005

Harvey, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1994.

Harvey, David. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.

Harvey, David. The limits to capital. 1st published, Oxford: Basil Blackwell, 1982. <<https://falagrupoelo.blogspot.com/2014/02/106-obras-geograficas-para-download.html>>

KOZEL, Salete e Mendonça, Francisco de Assis (Org.). Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea. Curitiba, Ed. da UFPR, 2002.

LACOSTE, Yves. A Geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra. São Paulo: Papirus, 1985.

- LACOSTE, Yves. Geografia do Subdesenvolvimento. São Paulo; Difel, 1985.
- LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006
- LEFEBVRE, Henri - De lo Rural a lo Urbano. La edición original francesa fue publicada por ÉditioJ;IS Anthropos. de Paris, con el titulo Du rural al'urbain. ,;5) Bditions Anthropos. 1970.
- LEFEBVRE, Henri - El Marxismo. Edición: EUDEBA, Buenos Aire 1961. Lengua: Castellano. Digitalización: Koba. Distribución: Lluita Comunista. (Partit Comunista del Poble de Catalunya
- LEFEBVRE, Henri - El Materialismo Dialéctico. ã 1999 – Copyright www.elaleph.com. Todos los Derechos Reservados P s i K o l i b r o www.elaleph.com El materialismo dialectico donde los libros son grati.
- LEFEBVRE, Henri - Logica Formal Logica Dialectica. Primera edición en español, 1970. © SIGLO XXI DE ESPAÑA EDITORES, S. A., Emilio Rubín, 7, Madrid-16.
- LEFEBVRE, Henri - O direito a cidade (Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIPIETZ, Alain. A Ecologia Política e o Futuro do Marxismo. In. Sociedade & Ambiente. Campinas/SP: NEPAM/UNICAMP, 2003.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Violência Política. São Paulo: Moderna, 1990.2022)
- MARCUSE, Herbet. Tecnologia, Guerra e fascismo. São Paulo: editora da Unesp, 1999.
- MARIANO NETO, Belarmino. Ecologia e Imaginário – Memória cultural, natureza e submundialização. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.
- MARIANO NETO, Belarmino. É Possível Simplificar a Dialética de Marx. Guarabira/PB: radicaislivres.eco. 10/nov/2022. Disponível em <https://radicaislivreseco.blogspot.com/2022/11/nao-e-possivel-simplificar-dialetica-em.html> . Acesso em março de 2023, as 22:35Hs.
- MARIANO NETO, Belarmino. Geopolítica: Um Século de Fascismo e suas marcas na atualidade. Guarabira/PB: radicaislivres.eco. 12/set/2021. Disponível em < <https://radicaislivreseco.blogspot.com/2021/09/geopolitica-um-seculo-de-fascismo-e.html> >. acesso em março das 2023 às 23:17 Hs.
- MARIANO NETO, Belarmino. Geopolítica ou Globalização Interrompida? Guarabira/PB: radicaislivres.eco. 10/mar/2022. Disponível em< <https://radicaislivreseco.blogspot.com/2022/03/geopolitica-ou-globalizacao-interrompida.html> >, acesso em maio das 2023 às 22:14 Hs

- MARTINEZ, Paulo. Política – ciência, vivência e trapaça. São Paulo: Moderna, 1991.
- MARX, K.: da razão do mundo ao mundo sem razão. In: _____. (org.). Marx Hoje. São Paulo: Ensaio, 1987. P. 13-52. ENGELS, F. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do partido comunista. São Paulo: Cortez, 1998.
- MARX, Karl. Manuscritos Econômicos e Filosóficos. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- MARX, Karl. O Capital: Crítica da Economia Política; Livro primeiro: O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1985.
- MENDONZA, Guadalupe Galindo; SERVIN, Carlos Contreras. Geopolítica de Sustentación a falta de competitividad econômica: La débâcle del sector cañero-azucarero mexicano em El marco da lãs políticas neoliberales y el TLCAN. Bogota/Colômbia: 110 EGAL, 2007.
- Moraes, Antonio Carlos Robert. A Geografia Tradicional e sua renovação. Borrador, São Paulo, n. 1, 1982.
- Moraes, Antonio Carlos Robert. Epistemologia e geografia. Orientação, São Paulo, n. 6, p. 75-80, 1985.
- Moraes, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1984.
- Moraes, Antonio Carlos Robert. Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1988.
- Moraes, Antonio Carlos Robert. Renovação da Geografia e filosofia da educação. Oliveira, Ariovaldo Umbelino de (Org.). Para onde vai o ensino de geografia? 3a ed. São Paulo, Contexto, 1991.
- MOREIRA, Ruy. A crise paradigmática do mundo moderno. Rio de Janeiro: Obra Aberta, 1993.
- Moreira, Ruy. A geografia serve para desvendar máscaras sociais (ou para repensar a geografia). Território Livre, São Paulo, n. 1, 1979.
- Moreira, Ruy. Introdução: o saber geográfico: para que/quem serve?. Moreira, Ruy (Org.). Geografia: teoria e crítica. Petrópolis, Vozes, 1982.
- MOREIRA, Ruy. O que é Geografia. São Paulo: editora brasiliense, 1985.
- MUNDO, Educação. História Geral do Socialismo Científico, imagens de Marx e Engels. São Paulo: Uol, 2024. Disponível em <
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/socialismo-cientifico.htm> >. Acesso em 13 de março de 2024. 19:30 hs.

OAKES, T.S.; PRICE P. L. The Cultural Geography Reader

OLIVA, Jaime e GIANANTI, Roberto. Espaço e Modernidade – temas de geografia mundial. São Paulo: Atual, 1995.

Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. Modo capitalista de produção e agricultura. 2a ed. São Paulo: Ática, 1987.

Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. O modo capitalista de pensar e suas “soluções desenvolvimentistas” para os desequilíbrios regionais no Brasil: reflexões iniciais. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, n. 3, p. 21-36, 1983.

Oliveira, Ariovaldo Umbelino de. Reflexões sobre o imperialismo: a incorporação do Brasil ao capitalismo internacional. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 59, p. 59-114, 1982.

Quaini, Massimo. A construção da Geografia Humana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO de Campos, Rui. A Geografia Crítica brasileira na década de 1980: tentativas de mudanças radicais. Geografia, Rio Claro, v. 26, n. 3, p. 5-36, 2001.

RIBEIRO, Wagner Costa. Relações internacionais – cenários para o século XXI. São Paulo: Scipione, 2000.

SANTOS, Douglas. Estado Nacional e capital monopolista. Oliveira, Ariovaldo Umbelino de (Org.). Para onde vai o ensino de geografia? 3a ed. São Paulo: Contexto, 1991.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (org.). Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec; Annablumme, 2002.

SANTOS, Milton & BECKER, Bertha K. (org) - Território, territórios - ensaios sobre o ordenamento territorial

SANTOS, Milton. Geografia, marxismo e subdesenvolvimento. Pinto, J. M. Gusmão (Coord.). Reflexões sobre a Geografia. São Paulo: AGB, 1980.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Edusp-Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. RJ/SP: Record, 2001.

SMITH, Neil. Desenvolvimento Desigual. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. (pdf) [Smith, Neil - Desenvolvimento Desigual.pdf](#)>

SOJA, Edward W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Pela Mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

VESENTINI, José William. *Ensino da Geografia e luta de classes*. *Orientação*, São Paulo, n. 5, p. 33-36, 1984.

VESENTINI, José William. *Geografia Crítica e ensino*. *Orientação*, São Paulo, n. 6, p. 53-58, 1985.

VIRILIO, Paul. *O espaço Crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WETTSTEIN, Germán. *O que se deveria ensinar hoje em Geografia*.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). *Para onde vai o ensino de geografia?* 3a ed. São Paulo: Contexto, 1991.